POR UM FIO

BY A THREAD

01.10.2021 a/to 08.12.2021

JOANA VASCONCELOS

VICTOR COSTA

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA
Águas de Coimbra
museu da água coimbra

FICHA TÉCNICA
TECHNICAL INFORMATION

Exposição | Exhibition

01.10.2021 a/to 08.12.2021

Artistas | Artists

JOANA VASCONCELOS (PT, 1971)
VICTOR COSTA (PT, 1958)

Organização | Organization
Museu da Água de Coimbra
AC, Águas de Coimbra, E.M

Coordenação | Coordination
Ana Maria Santos

Curadoria Editorial (Catálogo)
Editorial Curatorship (Catalogue)
Helena Mendes Pereira

Tradução | Translation
Rita Fonseca

Design
Alexandra Xavier

Fotografias | Photographs
Atelier Joana Vasconcelos
Lauren Maganete
Victor Costa

Impressão do Catálogo | Catalogue Print
NORPRINT a casa do livro

Número de Exemplares | Number of Copies
200

POR UM FIO

A artista plástica Joana Vasconcelos (1971) e o pintor Victor Costa (1958) dão corpo à exposição comemorativa do Dia Nacional da Água. “POR UM FIO” é uma mostra que patenteia a tradição e o saber fazer manual, ao mesmo tempo que desperta o espetador para uma dimensão mais reflexiva, remetendo-o para questões ambientais e socioeconómicas.

Apropriando-se de objetos do quotidiano, o processo criativo de Joana Vasconcelos, assenta na descontextualização desses elementos tradicionais e de uso banal, oferecendo-lhes uma nova vida, numa visão crítica da sociedade e, neste caso, em particular, do recurso água, bem essencial e património comum.

As obras *Dripping Springs*, composta por um lavatório de cerâmica, croché em lã feito à mão, adereços, poliéster e *Mãe d’Água*, realizada com chuveiros de aço inoxidável, croché de lã feito à mão, tecidos, adereços, poliéster, que podem ser consideradas parte da mesma série, dão indícios das esculturas espaciais, Valquírias, da artista, e estabelecem um significado expandido e representativo de uma sociedade de consumo e sem grandes preocupações ambientais.

A problemática da água não poderia estar mais bem apresentada. O rio Mondego é o quinto maior rio de Portugal e o maior dos que começam e acabam em território nacional. O Mondego merece especial atenção em POR UM FIO, uma mostra que contribui para a valorização do património, para a aproximação do público para as questões inerentes ao uso eficiente e sustentável do recurso água e sobrevivência das gerações atuais e futuras, ao mesmo tempo que oferece ao visitante uma experiência estética.

Em relação com as obras de Joana Vasconcelos temos as telas de Victor Costa, *Por um fio… de linha* e *Por um fio … de água,* que numa visão mais figurativa, exibem tradições e memórias. Memórias que sobrevivem ao tempo e aos gestos, memórias que convocam a ação. A ação que é essencial como água. A ação que impulsiona a mudança. A ação que terá que partir de todos nós, com vista a manutenção dos ecossistemas e, em particular, do recurso água. Sem água não vivemos e é importante lembrar que Portugal faz parte dos 26 países em risco de seca extrema associados às alterações climáticas.

Felizmente, não é raro no contexto artístico a projeção das questões ambientais. O Museu da Água, da empresa municipal Águas de Coimbra, tem sido disso palco. Em POR UM FIO, são os fios singulares, traçados pelas pinceladas vigorosas e tricotados em croché de lã feito à mão, que criam laços ténues e indestrinçáveis que nos unem à água, bem precioso, mas frágil, à natureza, às tradições, ao património e a um todo coletivo.

Assim, é com enorme prazer que recebemos, no espaço do Museu da Água, da empresa municipal Águas de Coimbra, Joana Vasconcelos e Victor Costa, agradecendo o sucessivo tecer de fios e pensamentos, reais e imaginários, que solicitam ao visitante uma intensa reflexão.

Ana Maria Santos
Coordenadora do Museu da Água de Coimbra

BY A THREAD

The artist Joana Vasconcelos (1971) and the painter Victor Costa (1958) embody the National Water Day commemorative exhibition. “BY A THREAD” is an exhibition that shows tradition and manual know-how, at the same time as it awakens the spectator to a more reflective dimension, referring him/her to environmental and socio-economic issues.

By appropriating everyday objects, Joana Vasconcelos’ creative process is based on the de-contextualisation of these traditional, everyday elements, offering them new life in a critical view of society and, in this case, in particular, of water, an essential resource and common heritage.

The works, *Dripping Springs*, composed of a ceramic sink, handmade wool crochet, props, polyester and *Mãe d’Água*, made with stainless steel showers, handmade wool crochet, fabrics, props, polyester, which can be considered part of the same series, hint at the artist’s space sculptures, Valkyries, and establish an expanded meaning representative of a consumer society without much concern for the environment.

The water issue could not be better presented. The Mondego River is the fifth largest river in Portugal and the largest of those that begin and end in the national territory. The Mondego deserves special attention in BY A THREAD, an exhibition which contributes to the valorisation of heritage, to bring the public closer to the issues inherent to the efficient and sustainable use of the water resource and survival of current and future generations, while at the same time offering the visitor an aesthetic experience.

Concerning the works of Joana Vasconcelos, we have the paintings by Victor Costa, *Por um fio... de linha* and *Por um fio... de água* (By a thread… of yarn and By a thread… of water),, which is a more figurative vision, exhibit traditions and memories. Memories that survive time and gestures, memories that call for action. The action is as essential as water. The action that drives change. The action that will have to come from all of us, to maintain ecosystems and, in particular, the water resource. Without water, we cannot live, and it is important to remember that Portugal is one of the 26 countries at risk of extreme drought associated with climate change.

Fortunately, the projection of environmental issues is not rare in the artistic context. The Water Museum, of the municipal company Águas de Coimbra, has been the stage for this. In BY A THREAD, are the unique threads, traced by vigorous brushstrokes and knitted in handmade wool crochet, which create tenuous and indestructible ties that unite us to water, precious but fragile good, to nature, to traditions, to heritage and a collective whole.

Thus, it is with great pleasure that we receive, in the space of the Water Museum, from the municipal company Águas de Coimbra, Joana Vasconcelos and Victor Costa, thanking the successive weaving of threads and thoughts, real and imaginary, that request an intense reflection from the visitor.

Ana Maria Santos,
Coordinator of the Coimbra Water Museum

POR UM FIO
e um intersticial jogo de contrastes

Joana Vasconcelos (PT, 1971) é um dos mais destacados nomes da arte contemporânea nacional e internacional. A sua obra foi capaz, num espaço de tempo relativamente curto para os parâmetros de um meio artístico fechado e profundamente patriarcal, de adquirir um território próprio de originalidade em que a macro escala do objeto, pensado e na relação com os lugares e com os contextos, e a combinação de tecnologias ancestrais e industriais, ligada, concetualmente, aos princípios do dadaísmo (interpretando-o à luz de um século XXI de capitalismo vil) são ingredientes de um exercício criativo que reflete a forma como a artista olha o mundo e o consome. Joana Vasconcelos cria símbolos da rotina do século XXI, ícones da vida pós-moderna associados às elites ou à estética do cinema, por exemplo, através da repetição de objetos que dão dupla semiótica às suas obras.

Uma das particularidades da artista é levar sempre consigo as marcas, muitas delas nacionais, como são exemplo os tachos da Silampos que fazem a obra *Marilyn* (2009), os tampões OB da obra *A Noiva* (2001-2005), as embalagens de comprimidos da *Cama Valium* (1998) ou os 168 telefones da obra *Call Center* (2014-2016) com a forma de um revolver, citando apenas alguns entre dezenas de uma vasta produção. O seu interesse pela repetição destes objetos, que não altera mas utiliza no respeito pela essência dos mesmos, é também o interesse pelas suas semióticas e tecnologias de produção que, rapidamente, se expande para que a artista se interesse por tecnologias ancestrais como a cerâmica ou o têxtil, vinculando o seu processo criativo a manufaturas e artesanias identitárias do território nacional. É inegável, por exemplo, a forma como a artista reabilitou, com as suas muitas encomendas para utilizações em diferentes obras de arte, a *Viúva Lamego*, a fábrica das fábricas do dito azulejo português. Ou quem não se recorda da obra *Varina* (2008) em que a artista reconcilia o contemporâneo com as tradicionais rendas de bilros, utilizando também bases da joalharia e recorrendo ao feltro, numa ode que caiu sobre a ponte Luís I, no Porto? O crochet ganhou, de facto, uma expressão particular no conjunto do trabalho de Joana Vasconcelos com as suas *Valquírias* a ocuparem espaços públicos e privados por todo o mundo.

O trabalho de Joana Vasconcelos, além da crítica da sociedade do consumo que o enquadra no designado movimento *neopop*, é conceptual e socialmente comprometido. Se pensarmos nas ditas *Valquírias*, recordamos que, na mitologia nórdica, são divindades femininas que serviam Odin, considerado um dos seus deuses mais importantes, sendo responsáveis por selecionar os mais bravos guerreiros, mortos em combate, para o seu exército. As valquírias sobrevoavam os campos de batalhas montadas em cavalos alados, daí estes enormes e invulgares corpos têxteis de Joana Vasconcelos estarem sempre suspensos, sobrevoando também os espaços em busca de matéria nobre para a tarefa divina da criação artística. Joana Vasconcelos conhece a riqueza e a importância do artesanato português e trabalha, muitas vezes, em colaboração com artesãos, dando expressão a saberes milenares.

É nesta combinação intersticial – porque no intervalo e na união do que é vital – entre a matéria industrial e quotidiana e a essência do artesanal, que a sua obra ganha escala e, nessa mesma macro escala estabelece uma relação comunicante e poderosa com os públicos, na medida em que permite a (des)construção das mensagens e instiga à reflexão sobre o mundo.

De janelas abertas para o Mondego e para esta exposição no Museu da Água de Coimbra, comemorativa do Dia Nacional da Água, e na linha programática de uma estrutura que tem desafiado

os artistas contemporâneos a pensar e a relacionar as suas obras com a água e a urgência da sua preservação, Joana Vasconcelos retoma o princípio compositivo das suas valquírias e apresenta duas esculturas de parede que evocam, nos signos das matérias e das cores, a água: para conceber *Mãe d'Água* utiliza chuveiros de aço inoxidável, crochet de lã manufaturado, poliéster, outros tecidos e adereços; e para a obra *Dripping Springs* recorre a um laboratório de cerâmica, crochet de lã manufaturado, poliéster e adereços diversos.

Em *A Definição da Arte*, publicado pela primeira vez em 1968, Umberto Eco (IT, 1932-2016) cita o livro *Creative Intuition in Art and Poetry* que Jacques Maritain (FR, 1882-1973) tinha publicado em 1953 para evidenciar o discurso autónomo da produção artística contemporânea, próximo de dimensões metafísicas e, simultaneamente, comunicantes e intelectualizadas no processo criativo. Maritain toma a poesia como exemplo:

> Por poesia entendo… essa intercomunicação entre a essência interior das coisas e a essência interior da criatura humana que é uma espécie de adivinhação. (…) A poesia obriga-nos a considerar o intelecto tanto nas suas fontes secretas dentro da alma humana, como funcionando de modo não racional (não digo anti-racional) ou não lógico. (…) Verifica-se, pois, um processo de identificação do artista com aquilo que deve exprimir (como acontece na arte oriental), para poder comunicar esta experiência profunda a outrem, revelando ao mesmo tempo, juntamente com o segredo da natureza, o segredo do sujeito que se exprime, a sua personalidade. Daqui a qualidade ontológica do objeto artístico que, pelo modo como foi feito, revela a natureza das coisas em união com a natureza do criador. Por consequência, a nossa investigação descritiva e indutiva sugere-nos que na raiz do ato criativo deve estar um processo intelectual absolutamente especial, sem paralelo na razão lógica, através do qual as coisas e a personalidade são conjuntamente ligadas, por meio de uma espécie de experiência ou conhecimento, que não tem nenhuma expressão conceitual e está expressa apenas na obra do artista.[1]

Eco designa o pensamento de Maritain como o da *doutrina do conhecimento poético* que choca com uma conceção medieval da arte em que a criação intelectual é entendida segundo regras. Desta feita, se é verdade que a arte aparece como virtude do intelecto prático, as regras segundo as quais o intelecto opera não são, quando se trata de criação artística, regras canónicas que precedem a obra, intervindo aqui a intuição criativa que vem das profundezas do espírito. E remata o autor italiano:

> Sobre os raciocínios conscientes através dos quais a razão se manifesta, diz Maritain, encontram-se as próprias fontes da criatividade e do amor, «ocultas na primitiva noite translúcida da vitalidade íntima da alma». (…) Afirmar que num sistema não existe intencionalmente um determinado problema, mas que nos seus limites se criam condições para a sua colocação e solução, é legítimo. Um sistema consagra-se à interpretação ativa da humanidade dialogante, e visto que pressupõe a enunciação de verdades acerca do mundo, espera que na esteira das suas propostas o conhecimento do mundo progrida.[2]

[1] Citado em ECO, Umberto – *A Definição da Arte* (1968). Lisboa: Edições 70, 2006. Páginas 110 e 111.
[2] Citado em ECO, Umberto – *A Definição da Arte* (1968). Lisboa: Edições 70, 2006. Página 114.

Quando conheci Joana Vasconcelos, não obstante ser admiradora da sua obra e do novo que trouxe à cena artística nacional e internacional, questionava-me sobre a mecanização (ou não) do seu processo e sobre qual seria a dimensão espiritual de uma artista que venceu o mundo a pulso, fazendo sempre o melhor com as oportunidades que a vida lhe proporcionava. Visitei o seu atelier e percebi, em breves segundos, que a macro escala da sua obra era também a sua grandeza enquanto ser humano. A artista foi capaz de construir um atelier que é, em si mesmo, a expressão do mundo e onde são testadas, em equipa, as suas próprias práticas de equilíbrio. O pensamento e a criatividade que Joana Vasconcelos coloca nos seus projetos tem, sei hoje, para lá da sua atenção ao mundo, para lá da ambição de o contar num objeto artístico, a dimensão da espiritualidade e da forma como o difícil encontro connosco, a expansão do autoconhecimento, são essenciais para que a obra comunique e seja sensível e conciliadora dos contrários. É a sua essência que faz dela, também, uma artista generosa e disponível para diferentes projetos.

A ligação e o enquadramento da obra de Joana Vasconcelos com a de Victor Costa não são imediatos e, arriscaria, prendem-se por um fio, na metáfora que é mais do que o comum têxtil que inspira o conjunto de obras que um e outro apresentam em Coimbra de 1 de outubro a 8 de dezembro de 2021.

Victor Costa (PT, 1958) tem mantido, ao longo de décadas, a base da sua expressão no exercício de uma pintura sensível, que capta a paisagem e os seus detalhes, no intervalo delicado entre a impressão e a expressão, com laivos de uma paleta que evoca a natureza e os seus deslumbres. Ocupa o seu espaço, enquanto criador, no contexto alargado de Coimbra, ainda que no seu currículo sejam muitas as exposições individuais e coletivas em diferentes geografias, bem como prémios, referências e participação em diferentes projetos. Para esta exposição no Museu da Água de Coimbra, no privilégio de poder expor com Joana Vasconcelos, Victor Costa desenvolveu, na minha opinião, algumas das suas obras de maior riqueza concetual em que aprofunda a sua visão da paisagem ao detalhe de linhas e fios, espécies de malhas que se confundem com pormenores de matéria. *Por um fio…de linha* e *Por um fio…de água* tecem essa relação com o crochet, em termos de composição pictórica concreta. Mas o essencial da série de trabalhos que aqui apresenta, é que parte de uma base de memórias e, por isso, de ancestralidade, tomando o trabalho do têxtil como da essência antiga das casas e das estórias que cada um tem.

No tempo de memória, em que Victor Costa recupera o têxtil, este é, contudo, símbolo da condição feminina da casa e do quotidiano confinado a servir e a cuidar. O tempo que Joana Vasconcelos inaugura, com os seus recursos ao têxtil e à cerâmica, é o tempo de libertação da mulher dessa condição, simbolizando a recorrência para os processos de criação artística quase que uma catarse, o ponto final no tempo antigo e a porta aberta ao tempo novo da igualdade de oportunidades entre géneros. Joana Vasconcelos é percursora deste tempo novo sendo a primeira mulher artista em tantos e relevantes contextos de programação cultural.

POR UM FIO é, assim, na arquitetura singular do Museu da Água de Coimbra um intersticial jogo de contrastes entre dois artistas, dois tempos, duas propostas, duas formas de reativar memórias e quotidianos. Deixa-se o desafio aos públicos para que mergulhem de novo aqui, de peito aberto e no exemplo da cooperação entre o que é diferente, mas pode coabitar.

Helena Mendes Pereira
curadora, professora e investigadora em práticas artísticas e culturais contemporâneas

BY A THEAD
and an interstitial game of contrasts

Joana Vasconcelos (PT, 1971) is one of the most distinguished names in national and international contemporary art. Her work was able, in a relatively short space of time for the parameters of a closed and deeply patriarchal artistic environment, to acquire her territory of originality in which the macro scale of the object, thought of and concerning to places and contexts, and the combination of ancestral and industrial technologies, linked, conceptually, to the principles of Dadaism (interpreting it in the light of the 21st century of vile capitalism) are ingredients of a creative exercise that reflects the way the artist looks at the world and consumes it. Joana Vasconcelos creates symbols of the 21stcentury routine, icons of post-modern life associated with the elites or cinema aesthetics, for example, through the repetition of objects that give a semiotic double to her works.

One of the artist's particularities is to always carry with her the brands, many of them national, for example, the Silampos pans that make the work *Marilyn* (2009), the OB tampons of the work *A Noiva* (2001-2005), the pill containers from the *Cama Valium* (1998) or the 168 telephones from the work *Call Center* (2014-2016) in the shape of a revolver, to name just a few among dozens of a vast production. Her interest in the repetition of these objects, which she does not alter, but uses with respect for their essence, is also an interest in their semiotics and production technologies, which quickly expands so that the artist becomes interested in ancestral technologies such as ceramics or textiles, linking her creative process to handcrafts and identities of the national territory. It is undeniable, for example, how the artist rehabilitated, with her many commissions for use in different works of art, the *Viúva Lamego,* the factory of the so-called Portuguese tile factories. Or who doesn't remember the work Varina (2008) which the artist reconciles the contemporary with traditional bobbin lace, also using jewellery bases and felt, in an ode that fell over the Luís I bridge, in Porto? Crochet has gained a particular expression in Joana Vasconcelos' work as a whole, with her Valquírias occupying public and private spaces all over the world.

Joana Vasconcelos' work, besides the critique of the consumer society that makes it part of the so-called neo-pop movement, is conceptually and socially committed. If we think about the so-called *Valquírias*, we recall that, in Norse mythology, they are female divinities who served Odin, considered to be one of the most important gods, being responsible for selecting the bravest warriors, killed in combat, for his army. The Valkyries flew over the battlefields on winged horses, hence these huge and unusual Joana Vasconcelos' textile bodies are always suspended, also flying over the spaces in search of noble matter for the divine task of artistic creation. Joana Vasconcelos knows the richness and importance of Portuguese handicrafts and often works in collaboration with artisans, giving expression to ancient knowledge

It is in this interstitial combination - because in the interval and union of what is vital - between the industrial and quotidian matter and the essence of craftsmanship, that her work gains scale and, in this same macro-scale establishes a communicating and powerful relationship with the public, as it allows the (de)construction of messages and instigates reflection on the world.

With her windows open to the Mondego and for this exhibition at the Coimbra Water Museum, commemorating National Water Day, and in line with a programmatic structure that has challenged contemporary artists to think about and relate their works to water and the urgency of its preservation, Joana Vasconcelos takes up the compositional principle of her Valkyries and presents two wall sculptures that evoke, in the signs of materials and colours, water: to conceive *Mãe d'Água* she uses stainless steel

showers, manufactured wool crochet, polyester, other fabrics and props; and for the work *Dripping Springs*, she resorts to a ceramic laboratory, manufactured wool crochet, polyester and various props.

In *The Definition of Art*, first published in 1968, Umberto Eco (IT, 1932-2016) cites the book *Creative Intuition in Art and Poetry* that Jacques Maritain (FR, 1882-1973) had published in 1953 to highlight the autonomous discourse of contemporary artistic production, close to metaphysical dimensions and, simultaneously, communicative and intellectualized in the creative process. Maritain takes poetry as an example:

> By poetry, I mean... that intercommunication between the inner essence of things and the inner essence of the human creature which is a kind of riddle. (...) Poetry forces us to consider the intellect both in its secret sources within the human soul and functioning in a non-rational (I do not say anti-rational) or non-logical way. (...) There is thus a process of identification of the artist with that which he must express (as happens in oriental art), to be able to communicate this profound experience to others, revealing at the same time, together with the secret of nature, the secret of the subject that is expressed, his personality. Hence the ontological quality of the artistic object which, by the way it has been made, reveals the nature of things in union with the nature of the creator. Consequently, our descriptive and inductive investigation suggests to us that at the root of the creative act must lie an absolutely special intellectual process, unparalleled in logical reason, by means of which things and personality are jointly connected, through a kind of experience or knowledge, which has no conceptual expression and is expressed only in the artist's work. [1]

Eco designates Maritain's thought as that of the doctrine of poetic knowledge that clashes with a medieval conception of art in which intellectual creation is understood according to rules. Thus, if it is true that art appears as a virtue of the practical intellect, the rules according to which the intellect operates are not, when it comes to artistic creation, canonical rules that precede the work, intervening here the creative intuition that comes from the depths of the spirit. And the Italian author concludes:

> On the conscious reasonings through which reason manifests itself, says Maritain, lie the very sources of creativity and love, "hidden in the primitive translucent night of the soul's intimate vitality". (...) To state that in a system a certain problem does not intentionally exist, but that within its limits conditions are created for its placement and solution, is legitimate. A system is devoted to the active interpretation of dialoguing humanity, and since it presupposes the enunciation of truths about the world, it hopes that in the wake of its proposals knowledge of the world will progress.[2]

When I met Joana Vasconcelos, although I admired her work and the new things she brought to the national and international art scene, I used to wonder about the mechanisation (or not) of her process and about the spiritual dimension of an artist who beat the world by leaps and bounds, always doing the best with the opportunities that life gave her. I visited her studio and realised, in a few seconds, that the macro scale of her work was also her greatness as a human being. The artist has been able to build a studio that is in itself the expression of the world and where her balancing practices are tested as a team. The thought and creativity that Joana Vasconcelos puts into her projects have, I know to-

[1] Quoted in ECO, Umberto – *The Definition of Art* (1968). Lisbon: Editions 70, 2006. Pages 110 and 111.
[2] Quoted in ECO, Umberto – *The Definition of Art* (1968). Lisbon: Editions 70, 2006. Page 114.

day, beyond her attention to the world, beyond the ambition of telling it in an artistic object, the dimension of spirituality and how the difficult encounter with ourselves, the expansion of self-knowledge, are essential for the work to communicate and be sensitive and conciliatory of opposites. It is her essence that also makes her a generous and available artist for different projects.

The connection and the framing of Joana Vasconcelos' work with Victor Costa's are not immediate and, I would risk saying, are linked by a thread, in the metaphor that is more than the common textile that inspires the set of works that both of them will present in Coimbra from October 1st to December 8th, 2021.

Victor Costa (PT, 1958) has kept, throughout decades, the basis of his expression in the exercise of a sensitive painting, which captures the landscape and its details, in the delicate interval between the impression and the expression, with hints of a palette that evokes nature and its dazzles. He occupies his space, as a creator, in the wider context of Coimbra, although his curriculum includes many individual and collective exhibitions in different countries, as well as awards, references and participation in different projects. For this exhibition at the Coimbra Water Museum, with the privilege of being able to exhibit with Joana Vasconcelos, Victor Costa has developed, in my opinion, some of his most conceptually rich works, in which he deepens his vision of the landscape in the detail of lines and threads, a kind of mesh that blends with the details of the matter. *Por um fio…de linha* e *Por um fio…de água* (By a thread…of yarn and By a thread…of water) weave this relationship with crochet, in terms of concrete pictorial composition. But the essence of the series of works that he presents here is that it starts from a base of memories and, therefore, of ancestry, taking the textile work as from the ancient essence of the houses and the stories that each one has.

In the time of memory, in which Victor Costa recovers the textile, it is, however, a symbol of the female condition of the home and of daily life confined to serving and caring. The time that Joana Vasconcelos inaugurates, with her resources in textiles and ceramics, is the time of women's liberation from that condition, symbolising the recurrence to the processes of artistic creation, almost like a catharsis, the end of the old-time and the open door to the new time of equal opportunities between genders. Joana Vasconcelos is a forerunner of this new era, being the first woman artist in so many relevant cultural programming contexts.

BY A THREAD is thus, in the unique architecture of the Coimbra Water Museum, an interstitial game of contrasts between two artists, two times, two proposals, two ways of reactivating memories and daily life. The challenge is left to the public to dive back in here, with an open heart and the example of cooperation between what is different but can cohabit.

Helena Mendes Pereira

curator, professor, and researcher in contemporary artistic and cultural practices.

JOANA VASCONCELOS



A ÁGUA NA OBRA DE JOANA VASCONCELOS

«A água, para mim, é sinónimo de vida e de renovação. No quotidiano da Europa, a água tem uma presença tão constante que eu só me dei conta da sua real importância quando viajei até ao México. Lembro-me de entrar na casa de um pueblo, que era uma única divisão, onde tudo acontecia, completa com rede para dormir e televisão, mas onde não havia uma única torneira.

Aquela constatação despertou em mim uma nova consciência. Aos poucos, a água foi entrando no meu corpo de trabalho, através da conceção de piscinas, peças de azulejos ou lavatórios, onde a representação aquática é feita através de elementos têxteis, em cores azuis e brilhos semelhantes ao reflexo da água.

O meu trabalho enquanto artista também tem servido para abordar questões que eu considero prementes, como a sustentabilidade do planeta e a gestão dos recursos do futuro. E a expressão da água na minha obra faz-se muito através da abundância, como elementos que jorram a partir das obras, a representar aquilo que a água representa hoje e há-de representar cada vez mais: um luxo.»

SOBRE A ARTISTA:

Nascida em 1971, Joana Vasconcelos é uma artista plástica contemporânea, reconhecida mundialmente pelas suas esculturas monumentais, cuja prática de 25 anos se estende ao desenho e ao vídeo. A sua obra atualiza o movimento de artes e ofícios para o século XXI, incorporando objetos do dia a dia, com humor e ironia, estabelecendo a ponte entre o ambiente privado e a esfera pública, questionando o estatuto da mulher, a sociedade de consumo e a identidade coletiva.

A aclamação internacional chegou com a primeira Bienal de Veneza curada por mulheres, em 2005 com *A Noiva*. Em 2013 voltou a chamar a atenção com *Trafaria Praia*, o primeiro pavilhão flutuante da história do certame, a representar Portugal. A mais jovem artista e primeira mulher a expor no Palácio de Versalhes, em 2012 a sua exposição foi a mais visitada em França em 50 anos, com um número recorde de 1,6 milhões de visitantes. Em 2018, tornou-se na primeira artista portuguesa a ter uma exposição individual no Guggenheim de Bilbau, que foi também uma das mais visitadas da história do museu e a quarta melhor desse ano para o The Art Newspaper. Beyond, a sua maior exposição até à data no Reino Unido, continua no Yorkshire Sculpture Park até janeiro de 2022.

WATER IN JOANA VASCONCELOS' WORK

"Water, for me, is synonymous with life and renewal. In everyday life in Europe, water has such a constant presence that I only realised its real importance when I travelled to Mexico. I remember entering the house of a pueblo, which was a single room, where everything happened, complete with hammock for sleeping and television, but where there was not a single tap.

That realisation awakened a new awareness in me. Gradually, water entered my body of work, through the design of pools, tile pieces or, where the aquatic representation is made through textile elements, in blue colours and sparkles similar to the reflection of water.

My work as an artist has also served to address issues that I consider pressing, such as the sustainability of the planet and the management of the resources of the future. And the expression of water in my work is made very much through abundance, as elements that gush from the works, representing what water represents today and will increasingly represent: a luxury."

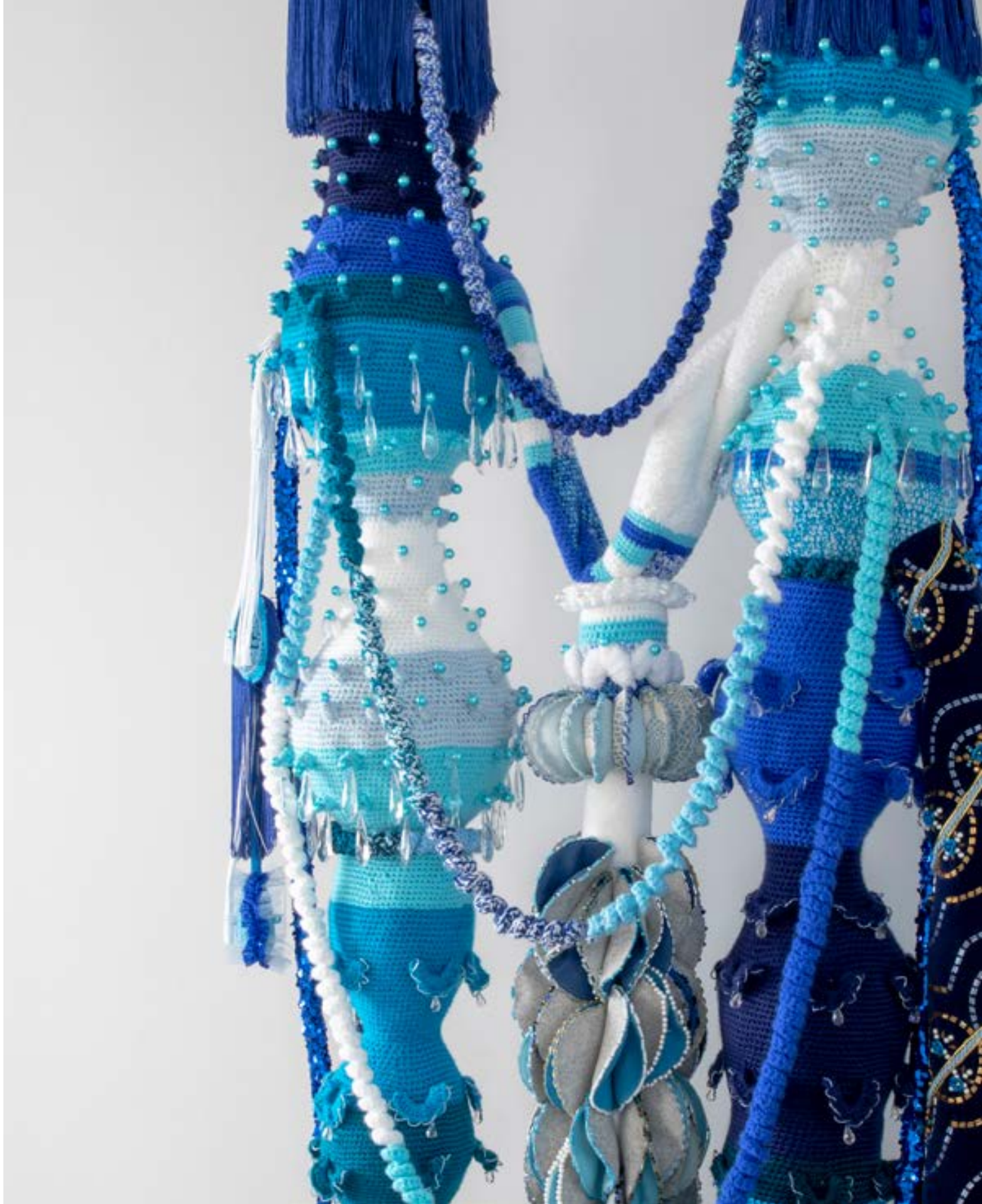
ABOUT THE ARTIST

Born in 1971, Joana Vasconcelos is a contemporary artist, recognised worldwide for her monumental sculptures, whose 25-year practice extends to drawing and video. Her work updates the arts and crafts movement for the 21st century, incorporating everyday objects, with humour and irony, bridging the gap between the private and the public sphere, questioning the status of women, consumer society and collective identity.

International acclaim came with the first Venice Biennale curated by women, in 2005 with *A Noiva*. In 2013 she caught the eye again with *Trafaria Praia*, the first floating pavilion in the history of the show, representing Portugal. The youngest artist and first woman to exhibit at the Palace of Versailles, in 2012 her exhibition was the most visited in France in 50 years, with a record number of 1.6 million visitors. In 2018, she became the first Portuguese artist to have a solo exhibition at the Guggenheim Bilbao, which was also one of the most visited in the museum's history and the fourth-best that year for The Art Newspaper. Beyond, her largest UK exhibition to date continues at Yorkshire Sculpture Park until January 2022.



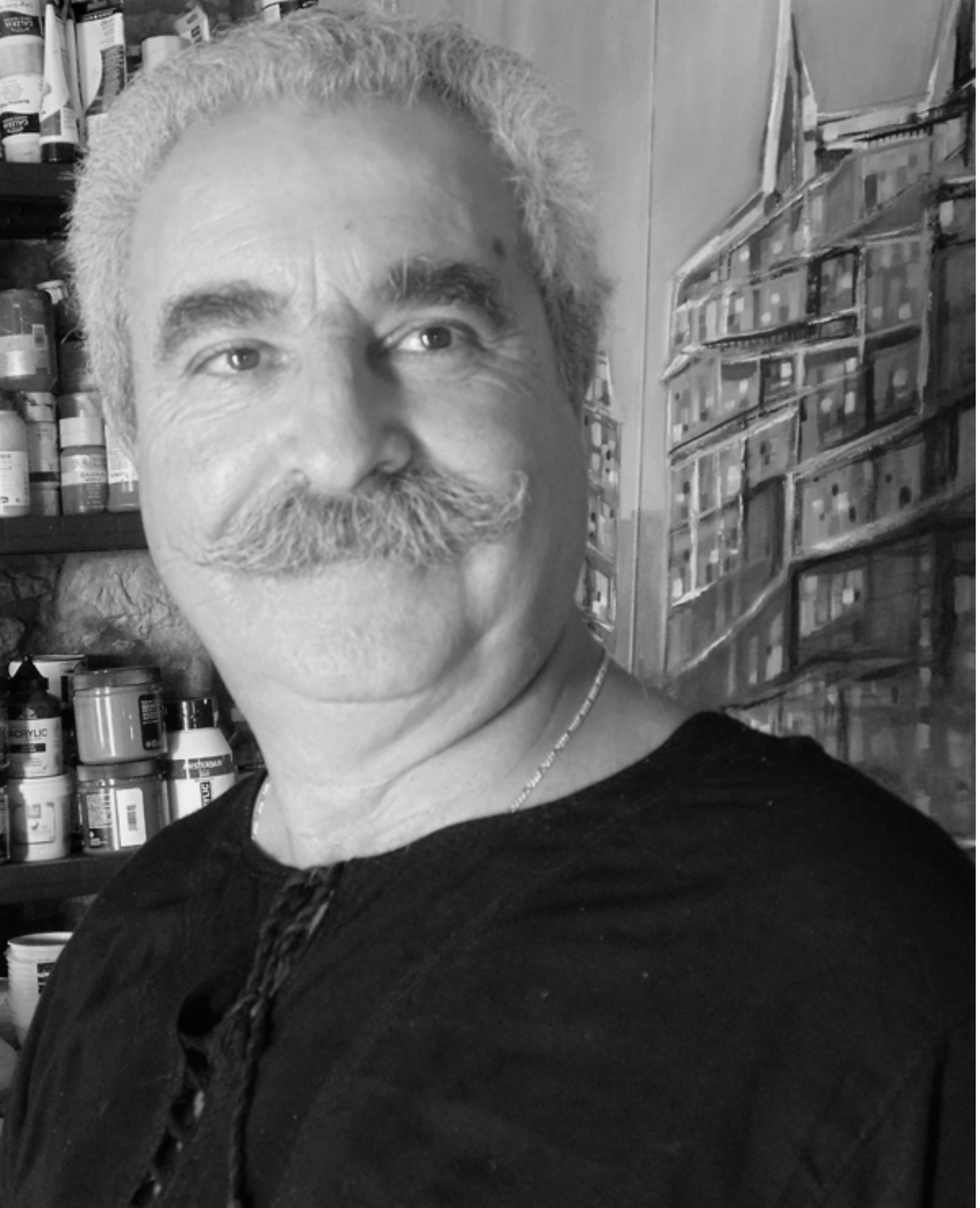
Joana Vasconcelos
Mãe d'Água, 2019
Chuveiros de aço inoxidável, croché de lã feito à mão, tecidos, adereços, poliéster
Stainless steel showers, handmade wool crochet, fabrics, ornaments, polyester
240 x 86 x 54 cm
Coleção da artista | Artist's collection





Joana Vasconcelos
Dripping Springs, 2015
Lavatório de cerâmica, croché de lã feito à mão, adereços, poliéster
Ceramic washbasin, handmade wool crochet, props, polyester
120 x 50 x 32 cm
Coleção da artista | Artist's collection

VICTOR COSTA



Pintor autodidata. Expõe regularmente desde 1980. Desenvolve, orienta e participa regularmente em Workshops de Pintura, de Musicoterapia e Arte, em Encontros de Carácter Pedagógico e Científico e em Manifestações Artísticas Públicas. No seu Atelier de Pintura em Almalaguês, recebe regularmente alunos do ensino pré-escolar e do ensino básico, de diversas unidades escolares, com quem desenvolve ações pedagógicas orientadas para a estimulação da criatividade. É membro do Movimento Artístico de Coimbra, da MAGENTA, da Associação Arte à Vista, da AAAGP – Associação de Amizade e das Artes Galego Portuguesa, do CNAP – Clube Nacional de Artes Plásticas e Membro Fundador da AFAP- FORVM de Artes Plásticas. Foi, de 2011 a 2016, Comissário de Arte do Recordatório Rainha Santa/Alfredo Bastos, em Coimbra. Foi nomeado, em janeiro de 2013, Académico Correspondente da Federação Brasileira dos Académicos de Ciências, Letras, Artes.

Tem participado em várias exposições individuais e coletivas na Sérvia, Polónia, Holanda, França, Espanha, Itália, Bélgica, Brasil e Portugal, estando representado em coleções públicas e privadas na Europa, América do Norte, Central e Sul, na Africa e na Ásia.

É artista premiado com o 3º Prémio, no Concurso Mundial Abstração/Arte Experimental 2015, International Artist (EUA), 1º Prémio na Art Battle, PAC2015 - Figueira da Foz (Portugal), 1º Prémio Concurso Nacional FIGUEIRARTES2018 - O Pescador, Figueira da Foz, 2018 (Portugal), 2º Prémio Concurso Nacional FIGUEIRARTES2017 - Amália e o Fado, Figueira da Foz, 2017 (Portugal), 1º Prémio no Concurso de Pintura ao Vivo Comemorativo dos 15 Anos da Biblioteca Municipal de Mira em 2011 (Portugal), 1º Prémio de Pintura ao Vivo no Concurso Aberto do Museu Etnográfico da Praia de Mira em 2011 (Portugal), 1º Prémio no Concurso de Pintura ao Vivo Comemorativo dos 16 Anos da Biblioteca Municipal de Mira em 2012 (Portugal), 1º Prémio de Pintura no Concurso Aberto Comemorativo dos 95 Anos do Club de Ténis da Figueira da Foz em 2012 (Portugal). «Pincel de Ouro» atribuído pela FEBACLA Federação Brasileira dos Académicos das Artes, Ciências e Letras 07/07/2013. Medalha de Ouro no Concurso Internacional de Arte - «Peixeira da Figueira da Foz 2014» - AAAGP (Portugal). Silbermedal to Artist—International Art Exhibition, Casa do Paço 2014 (Portugal). Silbermadal to Artist—International Art Exibithion—Casino la Coruña 2014 (Espanha). Menção Honrosa, International Art Exibition ARTCOMEXPO & MAGENTA, Figueira da Foz, 2019 (Portugal)

Das referências em revistas da especialidade, na imprensa escrita e televisão, em Portugal e no estrangeiro, destacam-se: RTP programa «Nobre Povo» no documentário; «Victor Costa o autarca pintor»; International Artist Magazine, nr.102, abril de 2015; RTP «Uma manhã com o artista plástico Victor Costa»; ESECTV, maio 2019; American Art Collector, nr. 115, maio de 2015 - «Emotional Abstraction»; Diário de Coimbra, 4 jul 2019, «Coimbra inspira os seus pintores»

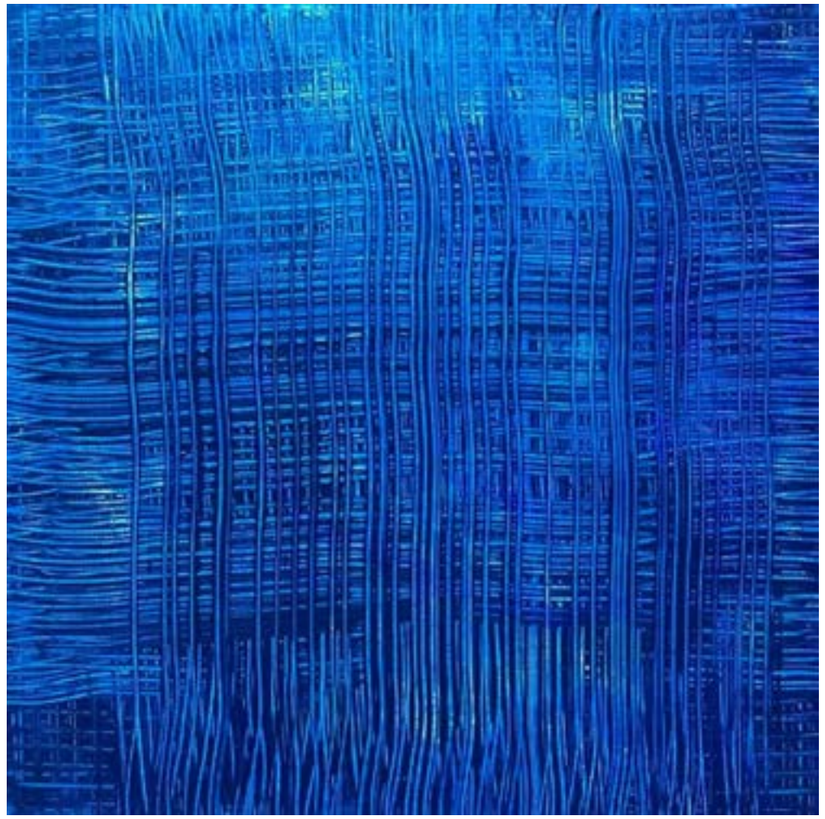
Participou, como artista residente, no Paço com Arte #1, Conimbriga Hotel do Paço, Condeixa, 2019; nos Diálogos no Parque 02, Hotel das Termas, Curia, 2019.

Self-taught painter. Exhibits regularly since 1980. He regularly develops, directs, and participates in Painting, Music Therapy and Art Workshops, in Pedagogical and Scientific Meetings and Public Art Demonstrations. In his Painting Studio in Almalaguês, he regularly receives pre-school and primary school students from various school units, with whom he develops pedagogical actions aimed at stimulating creativity. He is a member of the Coimbra Art Movement, MAGENTA, Art at Sight Association, AAAGP – Association of Friendship and Arts Galician Portuguese, CNAP – National Club of Arts and Founding Member of AFAP- FORVM of Visual Arts. He was from 2011 to 2016 Art Commissioner of the Rainha Santa/Alfredo Bastos Remembering House in Coimbra. He was appointed in January 2013 Corresponding Academic of the Brazilian Federation of Academics of Sciences, Letters, Arts.
He has participated in several solo and group exhibitions in Serbia, Poland, Holland, France, Spain, Italy, Belgium, Brazil, and Portugal and is represented in public and private collections in Europe, North, Central and South America, Africa, and Asia.

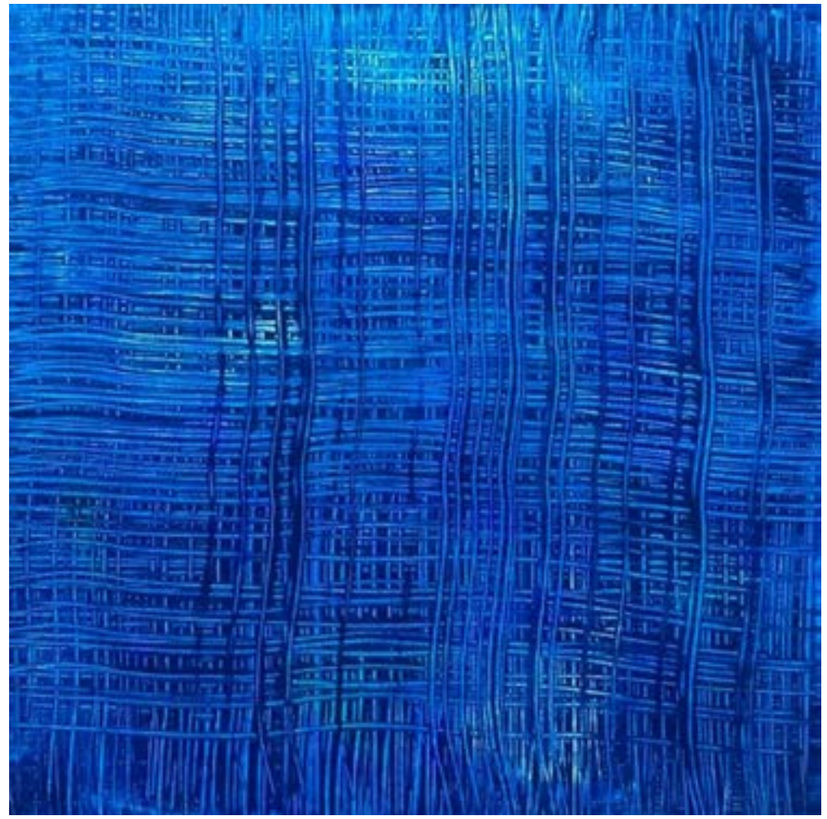
He is a prize-winning artist with; 3rd Prize, in the World Abstraction/Experimental Art Competition 2015, International Artist (USA), 1st Prize in Art Battle, PAC2015 - Figueira da Foz (Portugal), 1st Prize National Competition FIGUEIRARTES2018 - O Pescador, Figueira da Foz, 2018 (Portugal), 2nd Prize National Competition FIGUEIRARTES2017 - Amália e o Fado, Figueira da Foz, 2017 (Portugal), 1st Prize in the Live Painting Contest Commemorating the 15 Years of the Municipal Library of Mira in 2011 (Portugal), 1st Prize for Live Painting in the Open Contest of the Ethnographic Museum of Mira Beach in 2011 (Portugal), 1st Prize in the Live Painting Contest Commemorating the 16 Years of the Municipal Library of Mira in 2012 (Portugal), 1st Prize for Painting in the Open Contest Commemorating the 95 Years of the Tennis Club of Figueira da Foz in 2012 (Portugal). “Golden Brush” awarded by FEBACLA Brazilian Federation of Academics of Arts, Sciences and Letters 07/07/2013. Gold Medal at the International Art Competition - “ Figueira da Foz Fishmonger 2014” - AAAGP (Portugal). Silbermedal to Artist—International Art Exhibition, Casa do Paço 2014 (Portugal). Silbermadal to Artist—International Art Exhibition—Casino la Coruña 2014 (Spain). Honourable Mention, International Art Exhibition ARTCOMEXPO & MAGENTA, Figueira da Foz, 2019 (Portugal)

Of the references in specialty magazines, in the written press and television, in Portugal and abroad, the following stand out: RTP programme “Nobre Povo” on the documentary; “Victor Costa o autarca pintor”; International Artist Magazine, nr.102, April 2015; RTP “Uma manhã com o artista plástico Victor Costa”; ESECTV, May 2019; American Art Collector, nr. 115, May 2015 - “Emotional Abstraction”; Diário de Coimbra, 4 Jul 2019, “Coimbra inspires its painters”

He participated, as resident artist, in Paço com Arte #1, Conimbriga Hotel do Paço, Condeixa, 2019; in Diálogos no Parque 02, Hotel das Termas, Curia, 2019.



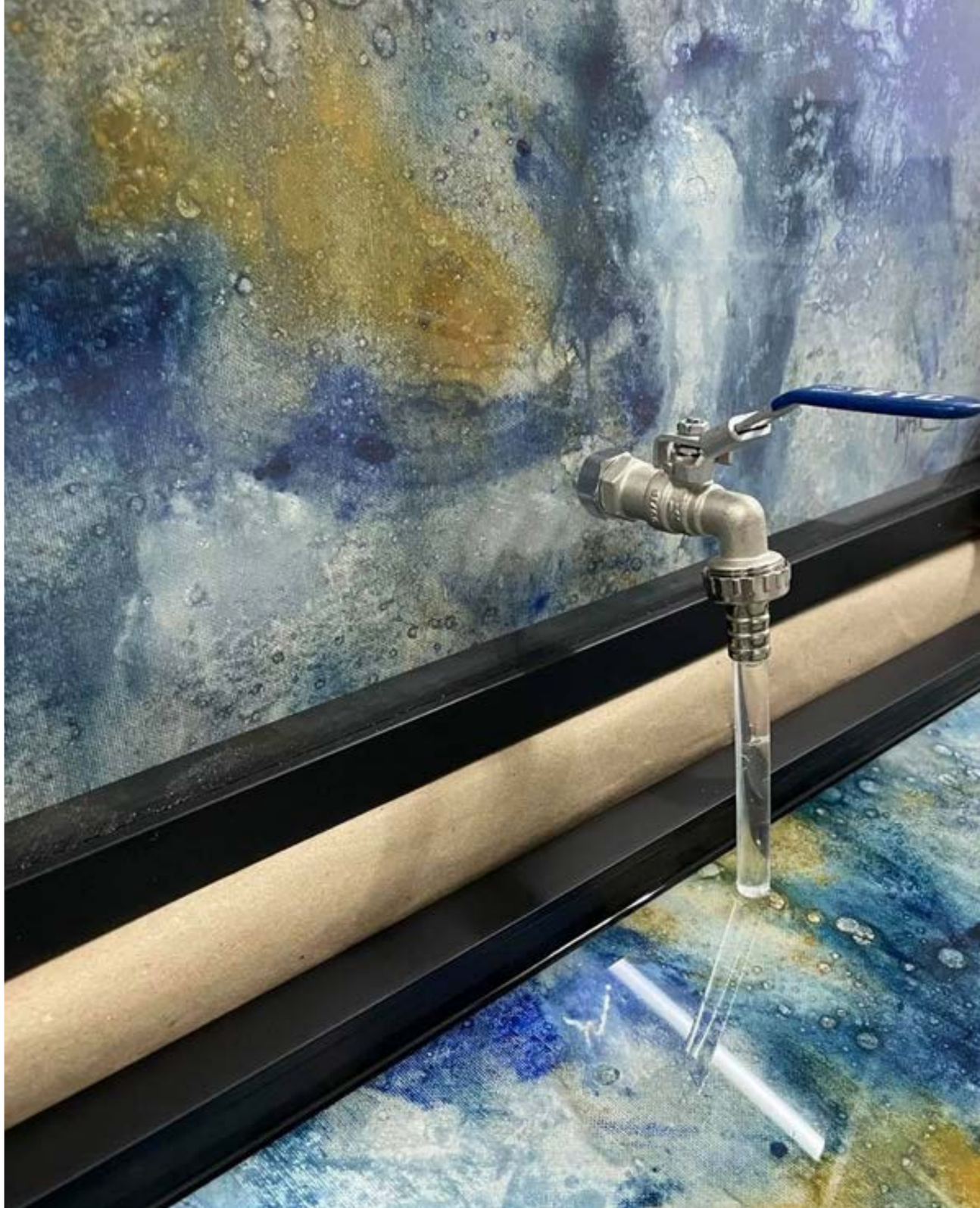
Victor Costa
Toalha #1_Tecelagem de Almalaguêsacr, 2020
Acrílico | Acrylic
40 x 40 cm



Victor Costa
Toalha #2_Tecelagem de Almalaguês, 2020
Acrílico | Acrylic
40 x 40 cm



Victor Costa
Por um Fio - Água
Instalação | Installation
Dimensões variadas
Variable dimensions





Victor Costa
Coberta de Trapos #2
Acrílico | Acrylic
80 x 60 cm



Victor Costa
Manta Azul
Óleo e acrílico | Oil and acrylic
100 x 50 cm



Victor Costa
Fim de tarde #01
Acrílico | Acrylic
113 x 86 cm

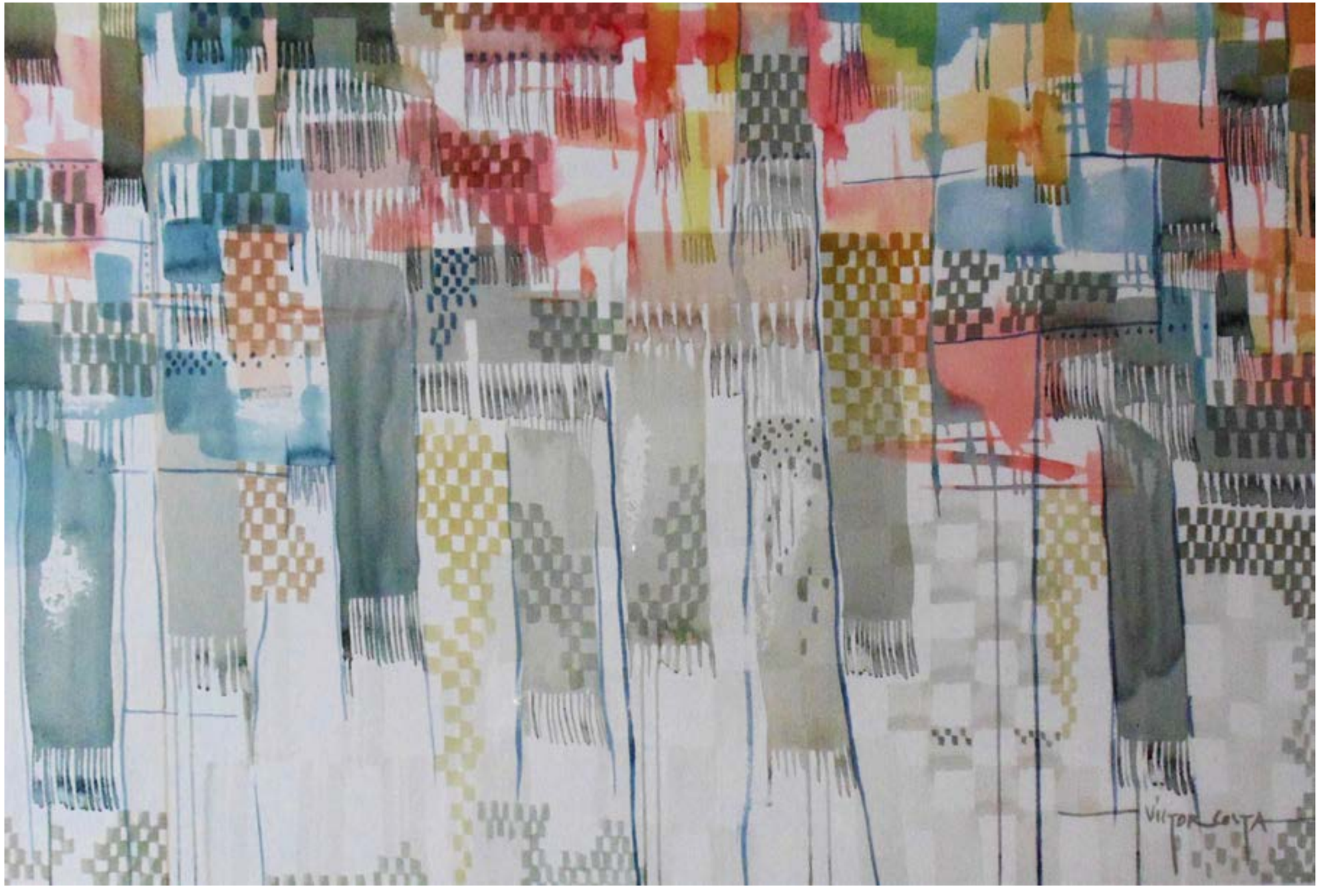


Victor Costa
Tecelagem Almalagues #3
Acrílico | Acrylic
100 x 80 cm



Victor Costa
Por um Fio - Linha
Instalação | Installation
Dimensões variadas
Variable dimensions





Victor Costa
Tecelagem Almalagues #1
Aguarela |Watercolour
50 x 70 cm